



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

RAFAEL MARTINS ROCHA

**UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA GRADAÇÃO NO PORTUGUÊS E
NO INGLÊS**

BACHARELADO EM LETRAS-PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA

Brasília

2014

RAFAEL MARTINS ROCHA

**UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA GRADAÇÃO NO PORTUGUÊS E
NO INGLÊS**

Monografia apresentada à disciplina Seminário de Português como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Português e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Professora Doutora Helena da Silva Guerra Vicente

Brasília

2014

RAFAEL MARTINS ROCHA

**UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA GRADAÇÃO NO PORTUGUÊS E
NO INGLÊS**

Monografia apresentada à disciplina Seminário de Português como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Português e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Professora Doutora Helena da Silva Guerra Vicente

Data da aprovação:

Professora Doutora Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

Esta Monografia tem por objetivo uma análise comparada do processo da gradação no português e no inglês. Inicialmente, aborda-se o fenômeno de forma geral, investiga-se seu funcionamento nas línguas do mundo e tecem-se as primeiras considerações quanto às semelhanças e disparidades entre as categorias flexionais e derivacionais. Em seguida, as principais características sobre o grau em ambas as línguas são apontadas. Por último, esforça-se por localizar a gradação no *continuum* flexão/derivação levando-se em conta as particularidades mais relevantes de cada língua.

PALAVRAS-CHAVE: gradação, análise comparada português/inglês, *continuum* flexão/derivação.

ABSTRACT

This monograph work is aimed at a compared analysis of the process of gradation in Portuguese and English. Initially, we will cover the phenomenon in a general way, investigate how it works in the languages of the world, and compose the first considerations regarding the similarities and disparities between inflectional and derivational categories. Then, the main characteristics of gradation in both languages are pointed out. Lastly, we attempt to place gradation on the *continuum* inflection/derivation taking into account the most relevant particularities of each language.

KEYWORDS: gradation, compared analysis Portuguese/English, *continuum* inflection/derivation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 INSTRUMENTO TEÓRICO	7
2.1 A gradação nas línguas do mundo.....	7
2.2 O aumentativo e o diminutivo na diacronia	8
2.3 Os diferentes modos de expressão: o <i>continuum</i> proposto por Bybee	9
2.3.1 Dois princípios norteadores: relevância e generalidade	11
2.3.2 O grande problema da Morfologia: flexão vs. derivação	12
2.4 Os critérios de Stump: uma tentativa de diferenciação	14
2.5 Tipos de derivação lexical.....	16
3 O FENÔMENO DA GRADAÇÃO NAS DUAS LÍNGUAS	18
3.1 Português.....	18
3.1.1 Diminutivos.....	18
3.1.2 Aumentativos	21
3.1.3 Composicionalidade/não-composicionalidade e a interação entre aumentativos e diminutivos.....	23
3.2 Inglês.....	25
3.2.1 Diminutivos.....	25
3.2.2 Sufixo <i>-ie/-y</i>	26
3.2.3 Sufixo <i>-let</i>	28
3.2.4 Sufixo <i>-ling</i>	31
3.2.5 Construções analíticas	31
4 O GRAU NO <i>CONTINUUM</i> FLEXÃO/DERIVAÇÃO: COMPARANDO O PORTUGUÊS E O INGLÊS.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a investigar o fenômeno da gradação no português e no inglês. Baseando-se nos diversos estudos linguísticos sobre o tema sob os mais variados enfoques produzidos na literatura, pretende-se analisar o grau nas duas línguas a fim de tecer discussões quanto à natureza desse processo em relação ao *continuum* flexão/derivação.

Aumentativos e diminutivos, sejam sintéticos ou analíticos, são bastante produtivos nas línguas do mundo. Buscando a máxima precisão de expressão, os falantes estão sempre avaliando o objeto ou interlocutor referenciados, ora veiculando sua dimensão, ora transmitindo julgamentos pessoais sobre estes.

A maior parte dos dados é fruto de falas espontâneas, produzidas na naturalidade da experiência informal. Devidamente citadas as fontes, recorreu-se também aos *corpora* colhidos por pesquisas de diferentes autores bem como ao universo da escrita (dicionários, livros, jornais, sites da Internet).

Esta monografia estrutura-se do seguinte modo: na segunda seção, encontram-se uma visão geral sobre a gradação nas línguas do mundo e, ainda, a síntese das análises mais relevantes acerca da aproximação e distinção entre flexão e derivação; na terceira seção, são examinadas as principais características do grau tanto em português como no inglês, sendo que nesta língua, com o objetivo de posterior comparação, optou-se por se dedicar exclusivamente aos diminutivos por terem estes representantes de construções sintéticas e analíticas; a seção 4 é destinada à discussão sobre o estatuto da gradação no *continuum* flexão/derivação de forma a relacionar as línguas em questão.

2 INSTRUMENTO TEÓRICO

2.1 A gradação nas línguas do mundo

A literatura tradicional, de um modo geral, tem como enfoque os aspectos formais da palavra morfológicamente complexa resultante do acréscimo de afixos gradativos à base. As formações sintéticas são consideradas prototípicas por excelência. Tanto o são que em algumas situações os termos diminutivo e aumentativo são empregados para referirem-se ao próprio afixo. Observa-se também a tendência de se considerar o uso dimensivo do grau prevalente à expressão atitudinal, que dependendo do contexto pode assumir um valor apreciativo ou depreciativo.

À medida que se pretende adotar uma análise elucidativa e totalizante do tema, faz-se necessária, porém, a inclusão de formas analíticas ou perifrásticas na abordagem da gradação. A depender da estrutura da língua, o acionamento desta estratégia para expressão do aumentativo e diminutivo pode ser a predominante. Há línguas, por exemplo, que são desprovidas de certos afixos gradativos, como é o caso do suaíli, que não dispõe de sufixos diminutivos. Também vale acrescentar que, contrariamente à visão tradicional, pesquisas linguísticas têm mostrado que, na verdade, a forma sintética tende a ser mais subjetiva, ou seja, pode expressar mais acentuadamente o significado conotativo, expressivo do afixo, ao passo que a analítica caracteriza-se por ser mais objetiva ou denotativa. As preferências de uma forma em detrimento da outra entre as línguas vão depender das características particulares da estrutura morfológica de cada uma.

A maneira como a noção de aumentativo e diminutivo é expressa nas diversas línguas do mundo tem ganhado interesse na linguística desde a segunda metade do século XIX. A maior parte das pesquisas sobre esse tema adota um viés tipológico, em que o interesse maior é a identificação dos diferentes mecanismos acionados para a expressão do diminutivo e aumentativo bem como os universais compartilhados entre as diferentes famílias linguísticas.

Estudos tipológicos evidenciam que translinguisticamente os aumentativos são menos comuns que os diminutivos, isto é, com base em formas morfológicas (sintéticas). De modo

geral, pode-se observar três tipos característicos¹: (i) presença de diminutivos e ausência de aumentativos, neste grupo estariam o occitano, francês², sardo, alemão, inglês³, holandês, galês etc; (ii) presença de ambos, como é o caso do português, castelhano, catalão, italiano, romeno, albanês, grego e (iii) ausência de ambos, por exemplo, o dinamarquês e o sueco. Implica-se, assim, a constatação do seguinte universal linguístico na expressão da gradação: se uma língua tem mecanismos morfológicos para formar aumentativos, muito provavelmente também dispõe de diminutivos morfológicos. O contrário, entretanto, não é sempre verificável.

2.2 O aumentativo e o diminutivo na diacronia

Grandi (2011), em seu estudo diacrônico, investiga o processo evolutivo do diminutivo e aumentativo no grego e nas línguas românicas. Com base em Greenberg (1995), considera que dois fatores são essenciais na gênese de categorias linguísticas: estabilidade e frequência. O primeiro conceito está relacionado à grande probabilidade de uma língua, ou uma família inteira, de preservar determinadas características do ancestral do qual se originou. O segundo diz respeito à possibilidade de uma língua, ou esporadicamente um grupo, instaurar um estado particular.

O autor considera que os diminutivos são o que se poderia chamar de “quasi-universal”, nos termos de Greenberg. Esses sufixos têm uma larga difusão nas línguas do mundo, ou seja, possuem alto grau de estabilidade. São atestados, por exemplo, em todas as línguas românicas por terem herdado a categoria semântica diminutivo do latim. O sufixo aumentativo, porém, é marcado pela instabilidade. No caso das línguas românicas, nem todas o possuem, como é o caso do francês. Dessa forma, a frequência supera a estabilidade e por isso essa categoria emergiu das próprias línguas neolatinas e não do latim.

¹ GRANDI, Nicola. Renewal and Innovation in the Emergence of Indo-European Evaluative Morphology. In: KÖRTVÉLYESSY, L.; STEKAUER, P. (eds.). *Diminutives and Augmentatives in the Languages of the World. Lexis: e-journal in English lexicology*, vol. 6, março de 2011.

² Para Grandi, apesar de o sufixo aumentativo *-ard* vir ganhando força ultimamente (*meule* ‘mó, pedra de moinho’ > *meulard* ‘grande mó’), sua ocorrência ainda é muito esporádica para classificar o francês no tipo (ii).

³ Em sua análise, Grandi aloca o inglês no tipo (iii), ausência de diminutivos e aumentativos. Para ele, os poucos diminutivos que a língua possui são improdutivos. Entretanto, com base em outros trabalhos como Schneider (2003), a produtividade desses sufixos no inglês é claramente afirmada. Por isso, esta monografia adota uma classificação divergente da de Grandi para a língua em questão.

O latim não possuía o aumentativo prototípico, ou seja, um “sufixo puro” que servisse de mecanismo formal para expressão dessa categoria, mas dispunha de um sufixo derivacional bastante produtivo: *-i(o)*, *-(i)onis*, terminação (desinência) do genitivo singular da terceira declinação. Na maior parte dos casos em que era empregado, esse sufixo formava substantivos masculinos animados, designando seres humanos com características físicas peculiares ou também hábitos e ações praticados exageradamente. A pejoratividade e a noção de grandeza são os componentes semânticos básicos do sufixo latino. Por exemplo, *nasus* ‘nariz’ → *nasus* ‘pessoa com nariz grande’, *edere* ‘comer’ → *edonius* ‘comilão’. Todavia, nas línguas românicas, o novo significado de aumentativo designa a propriedade propriamente referida e não mais o seu possuidor. Já no latim tardio, aliás, é possível perceber a instauração de tal mudança: *capito* (de *caput*, ‘cabeça’), que originalmente significava “pessoa com a cabeça grande”, com o tempo, passou a significar “cabeça grande”.

Duas tendências são apontadas como possíveis origens semânticas do diminutivo. Alguns teóricos acreditam ter sido o valor hipocorístico o principal desencadeador dessa noção semântica. Outros, porém, preferem enfatizar a designação da relação genealógica pai-filho/adulto-jovem como ponto inicial do processo de diminutivização. Esta última hipótese tem prevalecido sobre a primeira por ser possível verificar no sufixo latino *-inus*, que resultou nos diminutivos românicos *-ino* (italiano), *-ín* (español), *-inho* (português), tal valor. Como exemplo: *Messalinus* – ‘nascido de M. Valerius Messala Messalinus’; *Agrippina* – ‘filha de Agrippa’. Inere-se, assim, que foi o sentido “filho/jovem de X” que precedeu a noção semântica “X pequeno”.

Desse modo, Grandi estabelece que o diminutivo é o resultado de um processo de renovação ao passo que o aumentativo constituiria uma inovação das línguas românicas. Os sufixos de diminutivo foram apenas atualizados, ou seja, os meios formais para essa expressão foram renovados, mas já existiam no latim. Com os aumentativos, por sua vez, ocorreu a introdução de uma nova categoria, que levou à emergência desses sufixos.

2.3 Os diferentes modos de expressão: o *continuum* proposto por Bybee

Primeiramente, ao se pensar em Morfologia, faz-se necessário entender quais os alcances da acepção do termo que se tem por base. Teorias estruturalistas, de um modo geral,

negam a relação direta entre forma e significado. Correntes afins estão mais interessadas em descrições puramente formais, sem considerações mais substanciais sobre o conteúdo semântico veiculado pelas categorias focalizadas. Análises que consideram a não arbitrariedade na expressão linguística, porém, são não apenas altamente testáveis como também mais inclusivas no sentido de que para tratar das configurações internas dos vocábulos, extrapolam os limites que ideal e prioritariamente teria o campo morfológico.

Joan L. Bybee (1985) parte desse pressuposto de que forma e significado constituem uma relação imbricada. De acordo com a autora, “there is a strong correspondence between the content of a linguistic unit and the mode of expression it takes”. A forma mais econômica de um som se ligar a um determinado significado se dá quando é possível observar uma correspondência biunívoca entre as partes. Entretanto, nem sempre a relação de um-para-um acontece. Tanto há formas singulares para expressar mais de um conteúdo semântico como compostas de mais de uma unidade para expressar mais de um elemento semântico.

A linguista aponta três principais maneiras pelas quais elementos semânticos podem ser combinados a unidades de expressão:

(i) expressão lexical: quando dois ou mais conteúdos semânticos são expressos por um único item lexical monomorfêmico. Os exemplos fornecidos são os verbos *kill* ‘matar’ e *drop* ‘deixar cair’ que concentram em si as noções semânticas de *morrer* + *causar* e *cair* + *causar*, respectivamente.

(ii) expressão flexional: unidades ligam-se umas às outras para formar o vocábulo, mas cada uma é empregada individualmente para expressar determinado elemento semântico. Pode materializar-se na forma de acréscimo de afixos a uma base, como o verbo do inglês no passado regular *walked*, ou na mudança da própria base, que pode ser observada na forma irregular que apresenta o verbo no passado *brought*, por exemplo. Cabe acrescentar que uma categoria flexional deve ser combinável a qualquer base de apropriada categoria sintática e semântica.

(iii) expressão sintática (ou perifrástica): unidades totalmente separáveis e independentes expressam elementos semânticos completamente diferentes. A expressão perifrástica *come to know* utilizada no lugar de *realize* ilustra este tipo.

É de extrema importância ressaltar que tal proposta não advoga uma divisão estanque entre as categorias. A autora deixa claro, aliás, que por mais que se tente delinear precisamente os limites de cada uma delas, essas três formas de expressão, em sua análise pelo menos, não possuem caracterização pontual por se tratarem de grandes áreas interseccionais localizadas em um *continuum*. Dessa forma, na transição de uma expressão à outra, existem também categorias híbridas.

Os elementos híbridos compartilham características de duas formas de expressão. Necessariamente não pertencem a nenhum dos três tipos principais apontados, contudo, constituem grupo à parte exatamente por possuírem algumas qualidades destes. Um exemplo de hibridização é a *expressão derivacional*, que está na faixa de transição entre a expressão lexical e a flexional. Possui aplicabilidade restrita e formações ou significados idiossincráticos, aproximando-se daquela, mas, assim como esta, também caracteriza-se pela combinação de dois morfemas distintos em uma mesma palavra. Os clíticos e auxiliares, do mesmo modo, estariam entre a expressão flexional e a sintática: são unidades que possuem propriedades de morfemas gramaticais, ou seja, pertencem a uma classe fechada e comportam-se sintaticamente, mas que ocorrem em posições fixas e em determinados contextos de obrigatoriedade, assemelhando-se assim à flexão, sem, é claro, identificação total com esta já que tais itens não se ligam a nenhum outro vocábulo.

Desse modo, o seguinte *continuum* é proposto:

FORMAS DE EXPRESSÃO

lexical --- derivacional --- flexional --- gramatical (livre) --- sintática

2.3.1 Dois princípios norteadores: relevância e generalidade

Na tentativa de investigar as generalizações que podem levar determinadas categorias a se materializarem em uma dada forma e não outra, Bybee se retém ao modo de expressão que possui mais restrições: a flexional. Dois princípios determinantes parecem nortear este tipo: a relevância e a generalidade.

A relevância constitui um critério primordialmente semântico. Um elemento semântico é relevante a outro se o conteúdo do primeiro afetar ou modificar diretamente o

conteúdo do segundo. Bastante ilustrativo, o exemplo dado é a diferença semântica entre os verbos *walk* e *wade*. A superfície sobre a qual se dá o movimento, sólida ou líquida, é altamente relevante para o significado dos vocábulos e por isso mesmo há distinção entre itens lexicais que se diferenciam nesse aspecto. De um modo geral, quando há relevância mútua entre os elementos envolvidos na formação, há a tendência de expressar tais unidades lexicalmente, derivacionalmente ou flexionalmente. O contrário, ou seja, irrelevância semântica, observa-se na expressão sintática.

A generalidade diz respeito à aplicabilidade semântica. Para que determinado elemento tenha aplicabilidade em escala larga, é necessário que seu conteúdo semântico seja mínimo, ou seja, alta relevância implica em baixa generalidade. O estatuto flexional, além da relevância, também prevê por definição a aplicabilidade geral a determinadas categorias sintáticas e semânticas em contextos sintáticos apropriados. Infere-se assim que o conteúdo semântico da flexão, apesar de ser relevante à base, não o é ao extremo, a ponto de restringir sua aplicabilidade aos demais vocábulos em mesmo contexto, ou seja, relevância e generalidade estariam equilibradas nessa forma de expressão.

2.3.2 O grande problema da Morfologia: flexão vs. derivação

Como bem afirma Bybee, um dos mais desafiadores problemas enfrentados pela morfologia é a distinção entre flexão e derivação. A maior dificuldade é estabelecer critérios objetivos infalíveis para uma categorização precisa. Dentre os princípios que vêm sendo apontados por alguns linguistas, apenas um, na visão da autora, parece ser o mais definidor: o da obrigatoriedade sintática.

Greenberg (1954), Matthews (1974), Anderson (1982) são alguns dos que compartilham da ideia de que apenas a flexão é requerida pela sintaxe da sentença. Categorias obrigatórias forçam certas escolhas do falante. Assim, para a sentença *The duckling was swimming*, Greenberg, por exemplo, fornece o seguinte argumento: o sufixo *-ling* não é indispensável, pois o vocábulo *duckling* pode ser substituído sem mudança na construção por outros substantivos monomorfêmicos como *goose*, *turkey* ou mesmo *duck*; o sufixo *-ing*, porém, indicativo de ação progressiva verbal, é não apenas compulsório, mas também insubstituível.

Além do critério da obrigatoriedade, a relevância constitui outro princípio largamente utilizado na classificação. Este, por sua vez, é geralmente associado à derivação. De um modo geral, pode-se dizer que existem dois tipos de morfemas derivacionais: os que mudam a categoria sintática da palavra a que se juntam e os que não mudam. Essa diferença propicia uma diferente distribuição de afixos quanto ao teor de alteração ou modificação semântica da base, ou seja, o grau de relevância.

Os morfemas derivacionais que não mudam a classe da palavra atribuem grandes mudanças de significado. Vale notar, entretanto, que o vocábulo resultante guarda certa relação com a base apesar da alteração semântica. No caso dos verbos, a mudança se dá na situação descrita, exemplo: *tie* e *untie* descrevem processos diferentes mas guardam relação entre si. Nos nomes, é o referente que se altera: *garden* vs. *gardener*.

Quando há mudança de categoria sintática, a palavra derivada pode se distanciar substancialmente da original ou não. A primeira situação pode ser ilustrada pelo acréscimo semântico advindo do sufixo agentivo do inglês *-er*, que mais do que mudar o verbo para nome, especifica que este é o agente da atividade descrita por aquele. A última situação, por sua vez, faz com que as derivações se aproximem das flexões. O morfema derivacional pode ser relevante, veiculando assim determinado conteúdo semântico significativo à base, mas sem atingir um nível maior de especificidade. Portanto, como o princípio da generalidade não é afetado, pode o afixo, assim, ser aplicado largamente a vocábulos de mesma categoria em contextos apropriados. Um exemplo é o sufixo *-ly* acrescido a adjetivos para a formação de advérbios no inglês. Apesar de acrescentar o sentido de que a palavra descreve a maneira pela qual um evento se dá, preserva-se a semântica original do adjetivo, ou seja, a qualidade originalmente descrita pelo adjetivo se mantém. Dessa forma, para Bybee, o sufixo *-ly* fronteira o campo flexional.

É possível dizer, então, que embora o teor de alteração semântica da palavra resultante seja uma considerável diferença entre a morfologia flexional e a derivacional, este não define claramente os limites entre elas. *Grosso modo*, pode-se traçar que a flexão acrescenta pouco conteúdo semântico à base. Entretanto, a derivação dispõe de morfemas que afetam ou modificam a base de forma bastante variada, inclusive assemelhando-se à flexão.

A distinção entre flexão e derivação não possui contornos nítidos. Em se tratando de fenômenos gradientes, o que pode haver por parte dos linguistas é a tentativa de investigar

determinadas categorias em relação aos diferentes tipos de expressão, que constituem áreas interseccionais de um *continuum*. A morfologia derivacional por si só constitui um campo híbrido, ou, mais precisamente, transicional. Por conta disso, nunca se pode perder de vista que abordar a expressão derivacional inevitavelmente significa lidar com a flexional e vice versa.

2.4 Os critérios de Stump: uma tentativa de diferenciação

Antes de propor seus princípios diferenciadores que estabelecem a dissociação entre flexão e derivação, Stump (2001) define o termo *lexema*. Um *lexema* é uma unidade de análise linguística que pertence a uma determinada categoria sintática, possui um conteúdo semântico particular ou função gramatical, e figura na combinação sintática como uma só palavra. A depender do contexto sintático em que é empregado, um *lexema* pode assumir diferentes formas de identidade, disponíveis em seu paradigma. A raiz é a unidade a partir da qual o paradigma de palavras fonológicas é organizado. Por exemplo, no inglês o *lexema* verbal *sing*, em combinação com outros elementos sintáticos da sentença, pode se apresentar como *sing*, *sings*, *sang*, *sung* ou *singing*.

A partir dessa noção de *lexema* já é possível distinguir dois tipos de uso. Um em que os mecanismos morfológicos da palavra permitem a identificação da raiz e seu paradigma e outro cujos tais mecanismos são empregados para a formação de novos *lexemas*, tendo por base *lexemas* já existentes. O morfema *-s* de terceira pessoa do indicativo singular dos verbos em inglês é exemplo do primeiro uso e o sufixo agentivo *-er* que forma *lexemas* nominais de *lexemas* verbais, como o par *sing* > *singer*, do segundo. Desse modo, em linhas gerais, a morfologia flexional é aquela que envolve a geração ou constituição de paradigmas; a derivacional é a que produz *lexemas*.

Apesar de os linguistas concordarem que flexão e derivação constituem dois processos diferentes, ainda não se estabeleceu uma proposta de divisão segura entre essas duas morfologias. Stump ressalta, aliás, que os critérios teoricamente assumidos como delineadores de dois grupos distintos não são perfeitos. Contudo, pelo menos cinco critérios são utilizados comumente para diferenciar uma da outra.

O autor aponta os critérios a seguir:

- a) a flexão não muda o conteúdo lexical ou a parte do discurso do lexema – a mudança do significado lexical ou a alteração da parte do discurso a que pertence determinado lexema ou ambas as ocorrências são as possibilidades de diferenciação envolvidas entre duas expressões relacionadas sob os princípios da derivação. As expressões que pertencem ao mesmo paradigma flexional compartilham o mesmo significado lexical e parte do discurso, divergindo apenas no comportamento gramatical dependendo das propriedades morfossintáticas de cada célula do paradigma;
- b) a flexão é motivada sintaticamente – este princípio é classicamente referido nos termos de Anderson (1982), “a morfologia flexional é aquela relevante para a sintaxe”. Diferentes membros de um mesmo paradigma de um lexema possuem propriedades morfossintáticas diferentes e a ocorrência de um determinado membro e não de outro depende do contexto sintático⁴. Como é a escolha de formas de determinado paradigma que está em jogo, a sintaxe de um lexema nunca exige que este pertença a “uma classe particular de derivativos”;
- c) a flexão é geralmente mais produtiva que a derivação – paradigmas flexionais tendem à completude; relações derivacionais, por sua vez, são mais esporádicas. Stump chama a atenção para o fato de algumas vezes este critério se revelar inconsistente em relação aos outros dois apontados anteriormente⁵;
- d) a flexão é semanticamente mais regular que a derivação – o conteúdo de um morfema flexional é fixo: o *-s* do presente indicativo da terceira pessoa do singular no inglês quando acrescido a todo e qualquer verbo nesse contexto possuirá o mesmo conteúdo semântico sempre. Com a derivação, o mesmo não ocorre: o sufixo *-ize* do inglês, por exemplo, não possui um significado preciso, o que explica as diferentes noções semânticas envolvidas nos verbos derivados de sua adição: *winterize* ‘preparar (algo) para o inverno’, *hospitalize* ‘colocar (alguém) em um hospital’, *vaporize* ‘(fazer) tornar vapor’;

⁴ O exemplo dado por Stump é a perífrase HAVE (auxiliar) + SING (principal), em que neste contexto sintático é a forma participial SUNG que é a motivada do paradigma *sing, sings, sang, sung, singing*.

⁵ Stump ilustra este fato com o paradigma defectivo do verbo do francês *frir* (‘fritar’), que não dispõe de um bom número de formas esperadas (subjuntivo, imperfeito, plural do presente do indicativo etc). Bybee (1985) menciona como ilustrativo da falibilidade desse critério os substantivos *singularia tanta* (no inglês, *information, dust, wealth*; em português, *fé, ouro, oxigênio*) e os *pluralia tanta* (no inglês, *scissors, pants, clothes*; em português, *núpcias, pêsames, parabéns*), que são desprovidos de formas plurais e singulares em seus paradigmas respectivamente.

e) a flexão encerra as palavras, não permite derivações posteriores – este critério se vale da máxima de que o léxico lista lexemas derivados, mas não palavras flexionadas. Não há derivação de uma forma flexionada. Uma consequência deste critério é que em palavras contendo ambos afixos flexionais e derivacionais, estes estarão bem mais próximos da base que aqueles. Este critério tem sido usado para motivar um princípio de organização gramatical conhecido como *Split Morphology Hypothesis*, que considera que toda derivação ocorre no léxico ao passo que toda flexão regular é pós-sintática. Entretanto, há evidências em uma variedade de línguas que mostram que os princípios envolvidos neste critério e na *Split Morphology Hypothesis* não se sustentam. É comum que morfemas derivacionais que não acarretam a mudança de categoria da base apareçam posteriormente à morfologia flexional. Por exemplo, o plural do diminutivo no bretão: *bagig* ‘barquinho’ (singular) > *bagouigou* ‘barquinhos’ (plural), o sufixo plural *-ou* aparece antes e depois do sufixo diminutivo *-ig*. Como será apresentado mais a frente, em português há casos bem similares em relação aos diminutivos, em que a estrutura fonológica da palavra no plural é alterada anteriormente ao sufixo diminutivo, bem semelhante ao bretão.

Stump ainda reforça que a diferença primeira entre as duas morfologias está no tocante à função. A distinção entre flexão e derivação envolve a distinção “bem delineada”, segundo o autor, entre propriedades morfossintáticas e propriedades lexicossemânticas. Estas apenas determinam a maneira como as palavras entram na composição semântica de constituintes complexos; aquelas estão no nível da sentença, ou seja, relações sintáticas, como a concordância, estão em constante atuação. Sendo assim, a principal diferença entre flexão e derivação é quanto à função: a primeira tem como função a atribuição de propriedades e relações que estão no nível da sentença; a segunda serve para codificar relações lexicossemânticas dentro do léxico.

2.5 Tipos de derivação lexical

Beard (2001), ao revisar a literatura acerca da morfologia derivacional, aponta quatro tipos distintos de derivação gramatical regular⁶:

⁶ Beard afirma que embora ainda não se tenha esmiuçado exhaustivamente as propriedades dos diversos tipos de derivação e suas interfaces, a natureza e função básicas de cada tipo podem ser descritas de forma ampla.

(i) derivação característica – não muda a categoria da base, mas opera nos valores de características inerentes. Neste tipo está o gênero natural, descrito por Jakobson em seu conceito de “marcação”, que considera que, em muitas línguas, a forma não marcada é a do masculino. Incluem-se aqui aqueles substantivos que se referem tanto a homens como mulheres, podem apresentar a forma feminina, mas que fazem a concordância gramatical seguindo os substantivos puramente masculinos;

(ii) derivação funcional – preserva-se a categoria, mas a palavra derivada diferencia-se semanticamente da base. A diferença de função entre *recruitee* ‘recrutado’ e *recruiter* ‘recrutador’, por exemplo, é semântica, em que o primeiro é a “forma pacientiva” e o segundo a “agentiva”;

(iii) transposição – há mudança de categoria da base mas não alteração funcional. O que a difere da derivação funcional é o fato de o referente da forma derivada ser o mesmo da raiz. Sendo assim, entre *walk* ‘caminhar’ e *walking* ‘caminhada’ a única distinção será a de categoria gramatical, mas ambas as formas referem-se ao mesmo tipo de movimento, ou seja, seus significados estão estritamente relacionados;

(iv) derivação expressiva – não muda o escopo referencial do *input*, porém, também não muda a categoria lexical da base. Assim, neste tipo de derivação estão os aumentativos e diminutivos, que apenas provocam alterações formais nos vocábulos devido às diferentes percepções subjetivas do falante em relação ao objeto referenciado. Como exemplo, os três graus observados em *chuvona*, *chuva*, *chuvinha* giram em torno de uma mesma categoria conceitual, que é escalonada, por sua vez, a depender de como esse fenômeno climático é percebido pelo enunciador: chuva leve/forte, benéfica/prejudicial, agradável/desagradável.

Beard chama a atenção para o mistério que ainda paira sobre este tipo de derivação. A derivação expressiva não pode ser relacionada com nenhum dos outros três tipos mencionados anteriormente: as categorias envolvidas não são encontradas em outros lugares na gramática como o são as funcionais, também não são categorias lexicais inerentes e tampouco provocam a mudança de classe.

3 O FENÔMENO DA GRADAÇÃO NAS DUAS LÍNGUAS

3.1 Português

3.1.1 Diminutivos

Os sufixos de diminutivo em português podem ser usados em diferentes contextos e, conseqüentemente, veicular noções semânticas variadas à base. Embora de um modo geral a gramática tradicional tenha optado por enfatizar quase que exclusivamente o uso dimensivo da gradação, “o real significado de *-inho* só pode ser determinado sociointeracionalmente”, conforme afirma Gonçalves (2008). Dentre os diversos matizes que o diminutivo pode assumir, destacam-se pelo menos quatro usos, elencados abaixo⁷:

Uso	Expressão	Exemplo
Dimensivo	tamanho do objeto (‘X pequeno’).	...ou um quadrado de chocolate possuem a mesma quantidade de polifenóis.
Expressivo afetivo	traço positivo, aproximação entre o falante e o objeto (interpretação carinhosa ao discurso).	...as revistas ficam sobre um banquinho que foi da vó dela (= valor emotivo entre o objeto e o proprietário).
Expressivo pejorativo	depreciação, traço negativo.	Jeitinho brasileiro (= interpretação negativa ao caráter do povo brasileiro).
Intensificador	Intensidade subjetiva (valor superlativo).	Nosso planeta é quase todo de água, mas de beber é bem pouquinho .

⁷ Espírito-Santo (2013).

Os formadores de diminutivo mais comuns no português do Brasil são *-inho* e *-zinho*. Discussões acerca da natureza desses morfemas têm surgido em linguística com o intuito de investigar se se trata de uma única forma e sua variante ou duas formas distintas. Vejamos primeiro, porém, as categorias da base às quais *-inho* e *-zinho* podem se adjungir:

- a) pronomes – euzinho, aquelazinha;
- b) substantivos – barzinho, bolinha, cafezinho, colherinha/colherzinha, detalhezinho, finalzinho, friozinho, menininho/meninozinho, pãozinho, pedacinho, peixinho/peixezinho, solzinho;
- c) adjetivos – cheinho, limpinho, pobrinho/ pobrezinho, quentinho;
- d) verbos – particípio: arrumadinho, escondidinho, torrado / gerúndio: chorandinho/chorandozinho, dormindinho/dormindozinho;
- e) advérbios – devagarinho/devagarzinho, direitinho, pertinho.

O grau diminutivo é bastante produtivo no português brasileiro, podendo *-inho* e *-zinho* se anexar a praticamente todo tipo de base, exceto artigos. Nos dados listados acima, tais sufixos não alteram as propriedades formais (morfofônicas e/ou morfossemânticas) da base, ou seja, classe, gênero e significado do *input* e *output* se mantêm idênticos: [eu]_{pron.} > [euzinho]_{pron.}, [casa]_{subst. fem.} > [casinha]_{subst. fem.}, [quente]_{adj.} > [quentinho]_{adj.}, [dormindo]_{verbo} > [dormindinho]_{verbo}, [perto]_{adv.} > [pertinho]_{adv.}. Percebe-se, assim, que o radical é que é o responsável pela determinação da categoria e gênero da palavra resultante, não os sufixos de diminutivo. Diferentemente de alguns sufixos derivacionais, como por exemplo, *-ção*: *canalizar*_[verbo] > *canalização*_[subst.] e *-eiro*: *a casa*_[fem.] > *o caseiro*_[masc.], *-inho* e *-zinho* não carregam informações de categoria e gênero, apenas atribuem os traços dimensivo, afetivo e/ou intensivo a depender do contexto.

Os dados acima também mostram que uma característica bastante observável é a possibilidade de alternância entre as formas *-inho/-zinho* em um mesmo contexto morfofonológico: *colherinha/colherzinha*, *devagarinho/devagarzinho*, *chorandinho/chorandozinho* etc. Vale acrescentar que também pode haver o acúmulo de marcas de diminutivo no mesmo vocábulo. Neste caso, a sequência linear *-inho/-zinho* deve ser mantida: *menininhozinho* (**meninozinhoinho*), *cachorrinhozinho* (**cachorrozinhoinho*).

Considerando os traços fonológicos, uma característica marcante é que não há neutralização das vogais médias quando estas passam da posição tônica à átona com afixação de *-inho* e *-zinho*. Tal situação ocorre com sufixos derivacionais: p[Ó] > p[o]eira/ caf[É] > caf[e]teria⁸, mas caf[É] > caf[É]zinho/ b[Ó]la > b[Ó]linha.

Ambos os sufixos podem ser precedidos de mudanças morfofonológicas provocadas pela marcação flexional de plural. Por exemplo:

P[ão] > p[ãe]s > p[ãe]zinhos – mudança do ditongo: <ão> (sing.) → <ãe> (pl.)

Jorn[aw] > jorn[aj]s > jorn[aj]zinhos – mudança do ditongo: <aw> (sing.) → <aj> (pl.)

P[o]rco > p[Ó]rcos > p[Ó]rquinhos – mudança da qualidade da vogal, de fechada (sing.) à aberta (pl.).

No tocante à diferenciação entre as construções X-inho e X-zinho, trabalhos linguísticos têm adotado uma perspectiva fonológica em sua maioria. À luz da Teoria da Otimidade, Ferreira (2005), por exemplo, considera dois alomorfes: *-inho* para a raiz e *-zinho* para a palavra.

-inho: liga-se a raízes terminadas em consoante que formam substantivos ou adjetivos com as vogais temáticas -o, -a, -e.

(i) pedaço > pedac-inh-o

(ii) bol-a > bol-inh-a

(iii) peixe > peix-inh-o

-zinho: geralmente se liga a palavras terminadas em consoantes, ditongos e vogais tônicas.

(iv) bar > bar-zinh-o

(v) pão > pão-zinh-o

(vi) café > cafe-zinh-o

⁸ Em alguns dialetos do Português do Brasil, não há o contraste [E, O] vs. [e, o] na posição pretônica.

A partir dessa proposta, também é possível observar a constatação de Menuzzi (1993) acerca da distribuição complementar em que as formas se encontram, com *-inho* associado a bases temáticas e *-zinho* a aтемáticas. O que determina que estas assumam a forma *-zinho* ou *-zinha* é justamente o gênero da palavra já que não há vogal temática, ao passo que aquelas se valem dessa própria para a determinação de *-inho* ou *-inha*⁹.

É necessário ressaltar que não há consenso na literatura sobre a distinção *-inho/-zinho*. Há análises que consideram este variante alomórfica daquele bem como aquelas que se alinham à de Bisol (2010) e assumem *-inho* como diminutivo canônico, propondo-se, assim, ser a epêntese da consoante *z*, também observada em outros sufixos derivacionais *al~zal*, *eiro~zeiro* etc, ativada por demandas estruturais.

3.1.2 Aumentativos

Assim como os diminutivos, além do significado dimensivo, em seu caso particular ‘X grande’, os aumentativos também podem possuir função conotativa. Apesar de já terem sido considerados formas essencialmente pejorativas, como em Rosa (1982), pesquisas mais recentes têm destacado o valor positivo desses sufixos. Nesse sentido, atestam-se alguns valores semânticos do sufixo *-ão* observados abaixo¹⁰:

Grupo semântico	Expressão	Exemplos
<i>Nomina actionis</i>	ação/efeito de X	arranhão, beliscão, puxão, rasgão.
Agentivo	(pessoa) que pratica X	babão, chorão, brincalhão, fujão, mandão.
Avaliativo	traços positivos e negativos	bonzão, machão, mulherão, , vidão.
Intensidade	intensificação	azulão, calorão, cedão, rapidão.
<i>Nomina essendi</i>	propriedade de ser X	doidão, gordão, gostosão, valentão.

⁹ No caso de raízes com a vogal temática *-e* a concordância é feita pelo gênero: o peix-*e* > o peix-inh-o vs. a pont-*e* > a pont-inh-a.

¹⁰ Santos (2010).

Os principais formadores de aumentativo são os sufixos *-ão/-zão*. As seguintes categorias podem formar aumentativos:

a) substantivo: carro > carrão, copo > copão, dinheiro > dinheirão, festa > festão, marido > maridão, monte > montão, ônibus (bus) > busão, pé > pezão;

b) adjetivo: alto > altão, atrasado > atrasadão, chato > chatão, fresco > frescão, gostoso > gostosão, lento > lentão;

c) verbo: arranhar > arranhão, chorar > chorão, comer > comilão, escorregar > escorregão, mandar > mandão, puxar > puxão;

d) advérbio: cedo > cedão, mal > malzão, rápido > rapidão, tarde > tardão.

Do mesmo modo que acontece com *-inho/-zinho*, as formas *-ão/-zão* podem se alternar em uma mesma situação (*meninão/meninozão*). Também é possível o acúmulo das duas marcas em uma mesma palavra: *amigãozão*, *arranhãozão*, *beijãozão*, *carrãozão*, *cedãozão*, *livrãozão*.

Diferentemente dos diminutivos, todavia, o sufixo *-ão* pode resultar em produto pertencente à categoria lexical diferente da base. Isso ocorre, particularmente, nos aumentativos deverbais, incluindo os agentivos (‘chorar_[verbo] > chorão_[subst.]’) e os *nomina actiones* (‘rasgar_[verbo] > rasgão_[subst.]’). Nesse sentido, conforme a divisão de Rio-Torto (1998), há dois grandes grupos de formas derivadas X-ão: (i) isocategoriais, sem mudança de classe, que inclui as formações denominais e deadjetivais e (ii) heterocategoriais, com mudança de classe, representado pelos nomes deverbais e adjetivos denominais (como ‘*cinquentão*’).

A grande variedade semântica observada nas palavras sufixadas por *-ão* levantou uma discussão acerca da proveniência deste. Na visão de Alves (2011), existem dois sufixos *-ão*, homônimos, sendo que cada um deles possui vários campos polissêmicos. Assim, na proposta da autora, o que explica as diferentes acepções atribuídas por *-ão* é o fato de este advir de dois étimos latinos diferentes: *-onis*, desinência de genitivo do latim clássico, e *-one(m)*, acusativo latino vulgar. Este último originou os usos do aumentativo relacionado à dimensão (‘pezão’), intensificação apreciativa (‘festão’), quantidade (‘copão’), afeto/simpatia (‘Marcão’) etc; o primeiro remete a significados ligados ao agente (‘mandão’), ações (‘puxão’), instrumento (‘pilão’). Vale ressaltar que Alves (2011) constata que as formas deverbais são anteriores às denominais, ou seja, o uso aumentativo com *-onis* é anterior à adjunção de *-one(m)*.

3.1.3 Composicionalidade/não-composicionalidade e a interação entre aumentativos e diminutivos

Na tentativa de analisar os aumentativos e diminutivos sob a perspectiva sintática – aliás, comparada à alta frequência de trabalhos da Fonologia, linha de pesquisa que ainda carece de mais estudos sobre o tema – Armelin (2011) utiliza os conceitos da Morfologia Distribuída¹¹ para amparar sua proposta. A principal tese defendida pela autora é a de que a composicionalidade ou não-composicionalidade das palavras formadas pelo acréscimo das marcas de aumentativo e diminutivo revelam a natureza sintática dos respectivos sufixos.

Baseando-se em De Belder, Faust & Lampitelli (2009), Armelin divide dois tipos de diminutivos e aumentativos a partir da interpretação semântica gerada pelo acréscimo desses sufixos.

(i) a. camisinha – camisa de tamanho pequeno a'. roupão – roupa de tamanho grande

b. sapinho – sapo de tamanho pequeno b'. caixão – caixa de tamanho grande

c. pedzinho – pedal de tamanho pequeno

(ii) a. camisinha – preservativo a'. roupão – peça usada na saída do banho

b. sapinho – doença bucal b'. caixão – peça para velar pessoas falecidas

c. pedzinho – transporte aquático

O grupo (i) mantém forte relação semântica com a base, caracterizando-se como composicional. O (ii), por sua vez, desvincula-se desta para criar novas possibilidades de interpretação, ou seja, uma nova palavra é derivada. Tal diferenciação se dá por meio das diferentes posições sintáticas ocupadas por sufixos composicionais e não-composicionais no interior da palavra.

¹¹ A Morfologia Distribuída (do inglês Distributed Morphology) é um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa, embora seja uma versão não-lexicalista. Nesse modelo, palavras e sentenças são formadas através dos mesmos mecanismos sintáticos. A sintaxe é, então, o único componente gerativo do sistema (Departamento de Linguística da USP <<http://linguistica.fflch.usp.br/gremd/morfologiadistribuida>>).

Raízes e elementos gramaticais compõem os dois tipos de morfemas na Morfologia Distribuída. Estes, atuando como núcleos gramaticais específicos, são os responsáveis pela categorização das raízes, desprovidas de categoria ao entrarem na sintaxe. Na proposta dos autores estudados por Armelin, a primeira posição, chamada de *SizeP*, localiza-se entre o núcleo de categorização e a projeção de número, é parte do domínio funcional do nome e, como tal, caracteriza-se pela produtividade e composicionalidade. A segunda posição, *LexP*, está abaixo do núcleo categorizador e liga-se diretamente à raiz, não possui caráter composicional por não ser núcleo funcional, resultando em uma semântica não-previsível. Assim, elementos composicionais se juntam à raiz já categorizada e os não-composicionais entram na formação com “raízes nuas”, ou seja, quando ainda não se completou a fase de categorização.

Relacionando com os aumentativos e diminutivos do português, a distinção composicionalidade/não-composicionalidade pode ser explicada conforme o funcionamento dos sufixos na palavra, ora atuando como modificadores, ora como núcleos. Os sufixos de aumentativo e diminutivo que são composicionais comportam-se como modificadores, conservando a categoria e o gênero da palavra formada, como por exemplo: *menino* > *menininho/meninão*, *menina* > *menininha/meninona*. Os não-composicionais exercem papel nuclear na medida em que influenciam mais fortemente as propriedades formais da palavra resultante: *amarelo*_[adj. masc.] (cor) > *a amarelinha*_[subst. fem.] (brincadeira de criança), *a carta*_[fem.] > *o cartão*_[masc.] (instrumento de identificação).

O teor da influência exercida pelos sufixos de grau à base interfere no comportamento dos dados, a começar pela sua variedade. Aumentativos e diminutivos composicionais podem formar diversas categorias: substantivos, adjetivos, advérbios, gerúndios e participípios. Construções não-composicionais, porém, parecem restringir-se à formação de substantivos.

Uma vez delineada a distinção entre palavras sufixadas composicionalmente e não-composicionalmente, é possível tratar da interação dos morfemas de diminutivo e aumentativo no português. A essa questão, as formações composicionais se destacam pela rigidez da disposição dos sufixos: os aumentativos precedem os diminutivos obrigatoriamente. Por exemplo: *calorãozinho* (**calorinhozão*), *carrãozinho* (**carrinhozão*), *meninãozinho* (**menininhozão*), *bobãozinho* (**bobinhozão*), *chatãozinho* (**chatinhozão*), *arranhãozinho* (**arranhinhozão*).

A partir da observação dessa ordenação fixa, Armelin propõe que a interação entre aumentativos e diminutivos só é possível se estes ocuparem posições sintáticas diferentes. A autora, no entanto, rejeita a hipótese de considerá-los como adjuntos já que por mais que possam ocorrer simultaneamente em uma mesma palavra como estes na oração, não há movimento entre os constituintes devido à restrição de ordem, cuja não observância aumentativo-diminutivo implica em agramaticalidade.

A entrada do diminutivo na derivação parece bloquear a ocorrência de aumentativo. Ambos ocupam posições nucleares, contudo, diferentes. O primeiro está em uma posição mais alta na estrutura (morfo)sintática; o segundo, por ser mais baixo, deve necessariamente aparecer perto da raiz. O aumentativo entra na derivação um estágio anterior ao diminutivo. Desse modo, quando este ocorre na estrutura, a derivação já está bastante avançada para que aquele possa aparecer.

3.2 Inglês

3.2.1 Diminutivos

Embora trabalhos tradicionais sobre os diminutivos em inglês defendam quase que por unanimidade a improdutividade e a raridade da gradação nessa língua, pesquisas mais recentes apontam o contrário. Alguns autores, como Turner (1973), são bastante radicais a ponto de afirmarem que o inglês é uma língua totalmente desprovida de sufixos de diminutivo. Outros, aos quais se alinha Wierzbicka (1985), por sua vez, atestam alguns poucos diminutivos, mas fazem questão de ressaltar que tais casos são bastante raros, quase inexistentes, limitando sua ocorrência ao contexto da *baby talk*. No entanto, é preciso encarar essas análises com olhos críticos, pois o modo como foram conduzidas é bastante relativo e as conclusões a que chegaram são infundadas empiricamente.

Ainda há muito a se investigar sobre o estatuto dos diminutivos na língua inglesa. Estudos comparativos podem ter muito a revelar desde que feitas as devidas ressalvas sobre as características estruturais particulares de cada língua em questão. O inglês, particularmente, parece possuir mais natural e predominantemente diminutivos analíticos. Contudo, as

formações sintéticas existem sim e em escala muito superior ao que se tem considerado tradicionalmente.

Há uma gama enorme de sufixos diminutivos ingleses. É possível fazer um levantamento de pelo menos 86 formativos diferentes desse tipo na língua. A pesquisa quantitativa de Cannon (1987) sustenta que os sufixos de diminutivo estão entre os afixos mais produtivos do inglês contemporâneo. Vale lembrar, porém, que, em se tratando de uma classe aberta, as mudanças históricas a que se submete o inventário dos sufixos gradativos aceleram o processo de obsolescência destes.

Desse modo, fica bem mais aceitável crer que o inglês possua diminutivos sintéticos. Estes são criados na espontaneidade do momento da fala informal, sem quaisquer limitações à fala infantil. Schneider (2003) aponta 14 sufixos usados atualmente no inglês. Três deles serão destacados a seguir.

3.2.2 Sufixo *-ie/-y*

Muitos autores consideram *-ie* como o sufixo de diminutivo prototípico da língua inglesa. Cannon (1987) constata estatisticamente que este ocupa a 12ª posição em termos de produtividade dentre 96 sufixos mais produtivos do inglês. O sufixo *-ie* possui a variante ortográfica *-y*. Esta parece ser a escrita preferida no inglês britânico e americano, aquela a que mais predomina no inglês escocês e australiano. A forma *-ey* ocorre com bases terminadas em *-e*.

Não há consenso entre os linguistas quanto à classificação de *-ie/-y*. As análises variam desde o enfoque ao seu caráter hipocorístico até à rotulação do sufixo como marcador de familiaridade. Schneider (2003) considera que conceituá-lo como qualquer outra coisa diferente do termo diminutivo leva a definições imprecisas. Como sufixo de diminutivo, *-ie/-y* geralmente indica familiaridade entre o falante e o ouvinte, mas também pode expressar apreciação ou depreciação dependendo do contexto (base + situação de fala) em que se encontra.

Os seguintes dados podem servir de exemplos de formações com o sufixo *-ie/-y*:

(i) alrightie, auntie, baddie/baddy, beddie-byes, biggie, birdie, buddy, butty, cakie, chappie, daddy, dearie, doggie, foodie, footie, goodie/goody, granny, hanky, horsey, hottie, housey, hubby, kiddy, laddie/laddy, leggy, lippie, Lordy (!), meanie/meany, milkie, mummy, panties, piggy, potty, quickie, sheepy, sonny, sunnies, sweetie, toothie, tummy, undies, veggies, weepie.

Conforme ilustram os dados acima as bases às quais o sufixo se anexa podem ser tanto monossilábicas (*bad* > *baddy*, *bird* > *birdie* etc) como polissilábicas, caso em que são truncadas para a formação do diminutivo (*football* > *footie*, *husband* > *hubby* etc). Consoantes pospostas a vogal curta duplicam-se com o acréscimo de *-ie/-y* (*dad* > *daddy*). Todos os diminutivos construídos com o sufixo, todavia, são substantivos dissílabos cuja sílaba tônica é a primeira. Também se observa que se a palavra derivativa estiver no plural, o diminutivo derivado também fica pluralizado (*underclothes* > *undies*).

Entre nomes próprios, prenomes são mais frequentes que sobrenomes. Diminutivos podem ser formados com todos os prenomes, masculinos, *Billy*, *Bobby*, *Freddie*, *Johnny*, e femininos, *Annie*, *Betty*, *Susie*. Substantivos comuns diminutivizados podem referir a pessoas, animais e objetos. O primeiro grupo está relacionado à relação familiar (*daddy*, *buddy*, *granny* etc); o segundo refere-se a animais domésticos (*doggie*, *fishy*, *sheepy* etc), conferindo-lhes o traço [+ pequeno] e veiculando afetividade entre o falante e o termo referenciado; o último inclui objetos do mundo infantil (*handy*, *cakie*, *potty* etc) ou do mundo cotidiano, representados por palavras de estrutura complexa (*lipstick* > *lippie*, *sunglasses* > *sunnies* etc).

Diversas categorias podem formar diminutivos em *-ie/-y*: substantivos (*pig* > *piggy*), adjetivos (*short* > *shorty*), verbos (*weep* > *weepie*), advérbios (*alright* > *alrightie*) e, possivelmente, interjeições (*Lordy!*). É inegável, porém, que não só substantivos e adjetivos são as classes formativas de diminutivos mais frequentes como construções vindas de verbos e advérbios são bem raras na língua.

Como regra geral, todos os diminutivos formados com *-ie* são substantivos, independentemente da categoria da base¹². Isso implica dizer que os diminutivos de adjetivos, geralmente usados na sentença pospostos ao determinador *such*, mudam a categoria da base. Veja os exemplos abaixo:

a) ADJETIVOS

She had a **big** grin on her face.

The girls all think he's **hot**.

It's a **mean** trick to play on someone.

b) SUBSTANTIVOS

Their new CD is going to be a **biggie**!

→ She's such a **hottie**!

Don't be such a **meanie**!

É interessante notar, conforme mostram os exemplos acima, que os diminutivos originados de adjetivos, além de mudar a categoria da base, possuem uma semântica bastante particular. Contrariamente ao que se esperaria, essas formações não indicam 'X em menor quantidade/com menos intensidade'. Os diminutivos de adjetivos exprimem intensificação subjetiva. Os significados de *baddie*, *biggie*, *hottie*, *meanie*, *quickie*, *shorty*, *sweetie* podem ser parafraseados por 'que é o mais X/o que mais possui X', ou seja, imprime-se o valor superlativo a esses casos.

3.2.3 Sufixo *-let*

O sufixo *-let* está entre os primeiros sufixos diminutivos ingleses pesquisados em linguística, com estudos que datam desde o século XIX (*cf.* Coleridge [1857]). As formações com *-let* podem ser encontradas tanto no inglês britânico quanto no americano. Seus contextos de ocorrência são bastante variados, abarcando diversos tipos de discursos e gêneros: da prosa de ficção a manchetes de jornais¹³. No inglês contemporâneo, embora o sufixo ocorra na

¹² Exceções são os diminutivos formados de adjetivos que forem empregados como tais em contexto específico, por exemplo, '*Is the quickie divorce just for celebrities?*'. Entretanto, esses mesmos casos podem ocorrer, em sua maioria, também como substantivos, ou seja, com alteração da categoria da base: '*I've got a question for you – it's just a quickie*'.

¹³ Alguns autores consideram que o sufixo *-let* ocorre predominantemente na escrita, em especial em gêneros ficcionais; entretanto, seus *corpora* são baseados estritamente no campo da escrita, sem maiores investigações sobre a frequência do sufixo na fala, ambiente de ocorrência geralmente considerado como mais propício ao uso de diminutivos.

escrita com ortografia invariável, a pronúncia de sua vogal pode variar entre o schwa [ə] e o i curto [ɪ]. A sufixação não causa alteração formal na base¹⁴, apenas modificação semântica.

Schneider & Strubel-Burgdorf (2011) apontam as propriedades gerais das formações com esse sufixo. Os diminutivos são formados com bases substantivas, excetuando-se, porém, nomes próprios. Estas, quanto à estrutura silábica, são em sua maioria monossilábicas, geralmente terminadas por consoantes, ou seja, constituem sílabas travadas¹⁵.

Os seguintes dados podem ser observados na formação do diminutivo com sufixo *-let*:

- (a) bomblet, cloudlet, cubelet, dribblet(s), droplet(s), flatlet, islet, lakelet, platelet, streamlet, townlet, wavelet, winglet;
- (b) eaglet, froglet, fruitlet, nutlet, owlet, piglet, plantlet, skunklet;
- (c) bosslet, kinglet, princelet, starlet, thieflet, wifelet.

A disposição dos dados desta maneira é devido à observância de três padrões semânticos de suas ocorrências:

- (a') substantivo 'objeto' + *-let* > substantivo 'objeto pequeno ou em pouca quantidade'

Exemplos: *Flatlet for rent in Kimberley* 'aluga-se apartamentozinho em Kimberley' [anúncio da Internet] / *Skye shook her head violently, tossing droplets of water across the room* 'Skye balançou a cabeça violentamente, jogando gotinhas de água por toda a sala' [romance contemporâneo].

- (b') substantivo 'animal/planta' + *-let* > substantivo 'animal/planta jovem'

Exemplos: *We allow the parents to raise their eaglets in the aviary* 'nós permitimos os pais criarem suas aguias no aviário' [site especializado em aves] / *They produce stems loaded with plantlets* 'eles produzem hastes carregadas de mudinhas' [site sobre plantas].

- (c') substantivo 'pessoa' + *-let* > substantivo 'pessoa desprezível'

¹⁴ Vale lembrar, porém, que não há redobro de consoante nas formas terminadas em <l>: *owl* > *owlet*.

¹⁵ Há exceções como o caso de *tree* > *treelet*.

Exemplos: *Angry Allan, Sally the starlet and a silent lurker* ‘Allan zangado, Sally a estrelazinha e um espreitador silencioso’ [The Guardian]/ *If this little kinglet¹⁶ of corporate shit thinks he can get away with this, he’s greatly mistaken* ‘se esse pequeno reizinho ‘de merda’ pensa que pode se safar dessa, ele está bastante enganado’ [Man Trouble, Cão de Guarda, filme de Rafelson].

É possível identificar uma escala descendente que vai do polo [+ denotativo] ao [-denotativo]. No primeiro grupo estão as referências à dimensão (*flatlet, islet, townlet* etc) e à quantidade (*driblet, droplet, streamlet*). No segundo, estão alocadas as bases que indicam animais e plantas, que ao serem sufixadas por *-let*, referem-se aos seres jovens das respectivas espécies (*piglet* ‘porco jovem e pequeno’, *nutlet* ‘noz pequena, que não cresceu completamente, semente’). Neste caso, implícito à idade está a noção de tamanho. De um modo geral, na natureza, os membros jovens são menores que os adultos. O terceiro grupo, por sua vez, possui um significado mais nitidamente qualitativo, avaliativo. As bases referem-se a papéis/funções sociais – *king, star, wife* etc – e os diminutivos formados pelo sufixo atribuem conteúdo depreciativo às pessoas que exercem os papéis e funções descritos pela base: *kinglet, starlet, wifelet*.

Os autores chamam a atenção para o contexto em que tais diminutivos são empregados. Nos casos abaixo percebe-se que, por exemplo, o terceiro caso, em que prioritariamente o conteúdo avaliativo é expresso, pode veicular a semântica dos outros dois a depender do conteúdo da oração em que ocorrem.

(d) He has already given one of his daughters as wife to a kinglet somewhere in the uncharted periphery (Asimov, 1951).

(Ele já deu uma de suas filhas como esposa para um reizinho de algum lugar desconhecido da periferia).

- significado literal e original do termo (avaliativo). Kinglet = fraco regente de um reino politicamente insignificante.

(e) Three diminutive Kinglets bowed, wobbled... (Byatt, 1986).

(‘Três reizinhos diminutivos curvaram-se, cambalearam...’).

¹⁶ O personagem usa o vocábulo *kinglet* metaforicamente para avaliar negativamente o seu antigo chefe, qualificando-o como nepotente, um aspirante a rei (“a would-be king”).

- refere-se a três crianças jovens, sem valor depreciativo.

3.2.4 Sufixo *-ling*

Se por um lado *-ie* e *-let* são considerados os sufixos de diminutivo mais importantes, *-ling*, apesar de ser mencionado consistentemente nos estudos tradicionais, nem sempre aparece nos trabalhos linguísticos mais recentes. O sufixo vem do inglês antigo, momento da língua em que era bastante produtivo, e desde então tem sido utilizado com bases que denotem origem/filiação/descendência de seres vivos. O resultado disso é que as bases que são sufixadas por *-ling* sempre indicam pessoas (exceção: nomes próprios), animais ou plantas, nunca objetos.

Formações com o sufixo que se refiram a animais e plantas indicam o ‘ser mais jovem da espécie’, como em *catling*, *duckling*, *wolfing*. Em alguns casos *-ling* compete com *-ie* (*duckling* ~ *duckie*) e *-let* (*pigling* ~ *piglet*), sendo estes geralmente preferidos em detrimento dele. O que é possível constatar de novidade em relação ao sufixo é que, no inglês contemporâneo, ele parece ter também assumido o valor avaliativo. Assim, as formas que denotam seres humanos adultos expressam conteúdo negativo ao referente do mesmo modo que os outros diminutivos formados em *-ie* e *-let*, ou seja, tamanho e/ou idade não são relevantes nesses casos: *lordling*, *princeling*, *squireling*.

De um modo geral, o sufixo mantém a categoria da base a que se une. Substantivos pejorativos deadjetivais, porém, fogem à regra: *firstling*, *foundling*, *underling*, *weakling*. Vale ressaltar que embora o sufixo *-ling* tenha se tornado cada vez mais raro, ele ainda existe na língua atual. Construções com o sufixo são absolutamente inteligíveis e, por ser seu uso considerado um pouco antiquado, geralmente ocorrem quando o falante deseja imprimir comicidade ao discurso.

3.2.5 Construções analíticas

Diminutivos analíticos, também chamados de modificação sintática, são mais típicos no inglês que os sintéticos. Mesmo as análises que afirmam a inexistência de construções

morfológicas na língua consideram as formações analíticas como o único tipo de diminutivo. Assim como as formas sintéticas revelam as estruturas gerais de línguas eslavas e românicas, as analíticas são características do inglês.

Este modo de expressar a gradação consiste na estrutura: adjetivo (marcador de diminutivo) + substantivo (base). O adjetivo pertence ao campo semântico da palavra SMALL ('PEQUENO'). Pelo menos os seguintes adjetivos compartilham o mesmo significado e servem de componentes para a forma analítica (denotando inferioridade a um determinado padrão):

a) small – *I've known him since he was a small boy;*

b) little – *It was another of her silly little jokes;*

c) tiny – *His tiny little puppy is so cute;*

d) wee – *My wee boy is two;*

e) teeny – *I'll just have a teeny piece of cake;*

f) diminutive – *He's a shy diminutive man.*

Alguns fatores determinam a escolha desses adjetivos. Sem dúvida, a variação estilística e os níveis de formalidade são alguns deles. Por exemplo, se se comparar *diminutive*, *tiny* e *wee*, a constatação será de que o primeiro ocorre em contextos formais ao passo que o segundo e o terceiro são formas coloquiais, sendo que esse último é uma variante regional.

Não há como negar, no entanto, que no inglês, *small* e *little* são os principais adjetivos do campo semântico SMALL. Ambos são formas não marcadas, neutras. A distinção que pode ser feita entre eles é que, em *little*, implicações emocionais estão presentes; em *small*, ausentes.

Conotações afetivas são veiculadas pelo significado de *little*. O adjetivo expressa as atitudes do falante em relação ao referente. Tal componente afetivo pode ser tanto positivo (sentimentos de afeição, simpatia, piedade) quanto negativo (sentimentos de desprezo, aborrecimento, sarcasmo). De um modo geral, quando *little* se refere a seres jovens (*little boy/little child*), evoca-se um significado neutro, mas ao ser empregado para adultos (*little man/little wife*), imprime-se um valor negativo. Termos avaliativos, obviamente, também

contribuem para o valor depreciativo do referente – ‘*Come here, you little brute!*’/ ‘*Stop being a cheeky little bastard and do the dishes!*’.

O significado de *small* é estritamente quantitativo. A objetividade de expressão predomina sobre o valor atitudinal. Via de regra, *small* qualifica uma propriedade do referente e implicitamente estabelece uma comparação. Ora, gramaticalmente, *small*, e não *little*, figura em estruturas comparativas e superlativas.

4 O GRAU NO CONTINUUM FLEXÃO/DERIVAÇÃO: COMPARANDO O PORTUGUÊS E O INGLÊS

Conforme vimos na seção 1, flexão e derivação não são morfologias totalmente estanques. Existem, no entanto, tentativas de se delinear seus contornos, pois, ao mesmo tempo em que são interseccionais, possuem características próprias que as definem como categorias diferentes. Sendo assim, em não se tratando de conjuntos discretos, deve-se sempre ter em mente que a separação das duas morfologias se dá por uma questão de gradiência, ou seja, os morfemas comportam-se mais semelhantemente a uma que à outra em relação a critérios específicos.

Classificar o grau tem se mostrado uma árdua tarefa que emerge polêmica entre os linguistas. A gradação está estritamente relacionada à subjetividade do emissor. Ao marcar um vocábulo com morfemas de grau, enfatizando-o ou dimensionando-o, também se expressam os juízos de valor sobre a coisa ou pessoa a que se está referindo. Essa é uma das dificuldades encontradas na tomada de uma posição radical para considerar o grau como puramente processo flexional ou puramente derivacional. Trata-se de um fenômeno que vai além dos limites do campo da morfologia, tornando-se necessário, assim, analisá-lo sob a perspectiva da morfopragmática.

Vejamos, então, como o fenômeno, tanto no português como no inglês, comporta-se em relação aos critérios que têm sido considerados pela literatura. A relevância sintática talvez seja o mais referenciado deles. Uma característica distintiva da flexão é que esta é requerida pela sintaxe. Tendo em vista que os afixos gradativos são acionados pela vontade/expressividade do falante, não acarretando assim concordância no interior do sintagma nominal, não há como negar que tais morfemas são imotivados pela construção sintática, ou seja, em relação a este critério, comportam-se derivacionalmente.

O que parece ficar em aberto, contudo, é o alcance da opcionalidade do falante. Até que ponto a escolha de vocábulos afixados é arbitrária? Semanticamente, *menininho* – *menino* – *meninão* expressam conteúdos bem similares, mas não idênticos. A pragmática também exerce um papel considerável na motivação do grau. Staverman (1953), por exemplo, em seu estudo sobre o holandês mostra que a ocorrência de *diminutivum modestum* é altamente previsível nos contextos em que o falante procura evitar exagero/ostentação de suas

conquistas pessoais¹⁷. Além disso, é bem verdade que o falante dispõe de certa liberdade em relação ao acionamento da gradação, mas no momento da fala, faz uma escolha, que é parte da estrutura sintática.

O que se está questionando aqui são os desdobramentos do critério da obrigatoriedade sintática e não o critério em si. Pode ser que se associado às demais perspectivas, afinal de contas os domínios morfopragmáticos exigem essa relação, a não obrigatoriedade sintática venha a revelar muito mais informações sobre o que a opcionalidade dos afixos gradativos significa de fato.

Outro critério que revela a natureza derivacional do grau é o que diz respeito a seus meios de materialização. Para Gonçalves (2008), a flexão, *derivatio naturalis* nos termos do gramático latino Varrão, é o único veículo de exteriorização do conteúdo semântico, ou seja, constitui uma espécie de “morfologia aprisionadora”. Diferentemente, a derivação, *derivatio voluntaria* e “morfologia libertária”, pode ser parafraseada por meio de outras estratégias, como fonológicas, por exemplo, a expressão de intensidade pelo alongamento da sílaba tônica do termo que se quer enfatizar ou pela sua escansão em sílabas¹⁸.

Em relação à produtividade do grau em nossa língua, Gonçalves (*op. cit.*), aproxima-o ao eixo flexional. A flexão é mais produtiva e estrutura paradigmas mais coesos que a derivação. Apesar de Mattoso Câmara Jr. à sua época não ter concordado com o fato de o diminutivo poder ser largamente aplicado aos substantivos portugueses, Piza (2001), por exemplo, constata ser possível acrescentar afixos de grau a praticamente todos os nomes da língua.

Entretanto, produtividade nem sempre significa aplicabilidade para todos os sufixos gradativos em português. Alves (2011), em sua Dissertação de Mestrado sobre o grau aumentativo, considera que este é mais derivacional que o diminutivo. A autora sublinha o fato de que Gonçalves (*op. cit.*) e Piza (*op. cit.*) tenham tomado o grau como um todo em suas análises, mas, se esmiuçados detalhadamente, verificar-se-á que o diminutivo é aplicável em maior escala que o aumentativo.

¹⁷ Assim como acontece no inglês – *Here's a little something for your birthday/ I've got a little chalet in the mountain* – e no português – *Hoje eu tenho um carrinho na garagem*.

¹⁸ A variedade de formas que existe dentro da própria gradação – forma sintética e forma analítica – já bastaria como exemplo de diversas possibilidades de meios de expressão.

Ambos são produtivos, no entanto, há restrições de categoria sintática no que tange à aplicabilidade do grau aumentativo. Nomes não contáveis, designativos de matéria, por exemplo, não podem ser sufixados por *-ão*: *água* > *aguinha*/**aguão*, *sangue* > *sanguinho*/**sanguão*. Os pronomes também não permitem a anexação do sufixo: *ele* > *elezinho*/**elezão*, *aquela* > *aquelazinha*/**aquelão*/**aquelazona*. Embora a produtividade do aumentativo venha crescendo cada vez mais na língua oral do português do Brasil, ainda há interação e coexistência com a forma superlativa (*-íssimo*).

Os diminutivos do inglês comportam-se diferentemente dos do português neste quesito. De um modo geral, são bastante produtivos, mas não são aplicáveis uniformemente entre as categorias. Se por um lado, praticamente todos os nomes podem ser diminutivizados, formações com verbos e advérbios são raríssimas na língua. Desse modo, os diminutivos do inglês estão no âmbito derivacional tendo por base o critério da produtividade.

Quanto à estabilidade semântica, o grau é derivacional tanto no português como no inglês. Diminutivos e aumentativos expressam diversos conteúdos semânticos: dimensão, quantidade, intensidade, avaliação etc. Tal fato os distancia da flexão, que, de um modo geral, é semanticamente mais regular que a derivação.

A não-excludência e recursividade dos afixos gradativos mais uma vez apontam sua natureza derivacional. Morfemas flexionais não podem co-ocorrer tampouco acumularem-se em um mesmo vocábulo. Em português, as duas possibilidades podem ser observadas empiricamente com a gradação. O acúmulo, como em *menininhozinho*, *vidinhazinha* para os diminutivos, *arranhãozão*, *beijãozão* para os aumentativos, e a interação das duas marcas, *arranhãozinho/beijãozinho*. No inglês, a forma analítica é caracteristicamente empregada com a sintética: *he's just a wee laddie*.

A principal diferença entre flexão e derivação apontada pela literatura é a possibilidade de apenas esta poder mudar a classe a que pertence o vocábulo. Tendo em vista que o acréscimo de afixos gradativos pode sim alterar a categoria lexical da base em determinados casos, o grau possui as duas naturezas, flexional e derivacional, tanto em inglês como no português.

Em português, para se captar resultados precisos deste critério, é necessário fazer uma divisão entre aumentativos e diminutivos: estes aproximam-se da flexão, aqueles da derivação. Os diminutivos são produtos que mantêm a categoria da base. Com os

aumentativos, isso nem sempre acontece. Formações agentivas ('brincalhão') e os *nomina actiones* são heterocategoriais ('pisão'), por exemplo.

Os diminutivos ingleses comportam-se de forma bem similar aos aumentativos portugueses no tocante à possibilidade de mudança de classe da base. Como as formações de bases verbais e adverbiais são raras, deve-se considerar os diminutivos deadjetivais que, para manterem a regra geral, resultam em produtos substantivos, ou seja, estão no âmbito derivacional.

Quanto ao princípio de organização gramatical, a natureza do grau em português ainda é ambígua. A flexão é reconhecidamente responsável pelo encerramento da palavra, ou seja, não permite que haja derivações posteriores a ela. Contudo, em português é possível que morfemas de diminutivo apareçam entre duas marcações de plural ('pão-zinho-s'). Associando a combinação derivação-flexão à ordem fixa aumentativo-diminutivo que a interação entre os sufixos gradativos portugueses exige, pode-se hipotetizar que os diminutivos estejam mais próximos ao campo flexional que os aumentativos também em relação a este critério.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se com este trabalho investigar os mecanismos pelos quais se dá a gradação tanto na língua portuguesa como na língua inglesa. Para tal, explorou-se concisamente, por meio de abordagens bastante citadas na literatura, considerações relevantes acerca dos pontos de contato e de divergência entre flexão e derivação, categorias que ainda motivam debates na morfologia.

A comparação feita entre as duas línguas ao longo desta monografia mostrou que o grau no inglês parece estar mais próximo ao âmbito derivacional que em português. Nesta língua, os afixos gradativos são predominantemente ambíguos em relação aos critérios utilizados. De um modo geral, os diminutivos sintéticos ingleses compartilham mais características dos aumentativos portugueses que dos próprios diminutivos.

Longe de exaurir o tema ou resolver a polêmica, intentou-se levantar discussões acerca da natureza híbrida e escorregadia desse processo que extrapola os limites morfológicos, alcançando a atuação do campo pragmático: o grau. Se flexão e derivação já são em si grandes áreas interseccionais de um *continuum*, não é razoável – muito menos empiricamente possível, já que nem todos os critérios apontam para o mesmo diagnóstico – propor uma delimitação exata dos contornos movediços da gradação.

Contribui-se muito para as discussões do tema, porém, encarar a problemática do fenômeno sem esquivas para que, dialogando com as numerosas e variadas análises presentes na literatura, possa-se elucidar mais informações acerca dos afixos gradativos que ainda são desconhecidas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Regina Simões. *O processo de formação de palavras com o sufixo aumentativo –ão: Uma análise cognitivista*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

BEARD, R. Derivation. In: A. Spencer & A. M. Zwicky (Eds.), *The Handbook of Morphology*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2001, p. 44-65.

BISOL, Leda. O Diminutivo e suas Demandas. *D.E.L.T.A.*, 26:1, 2010, p. 59-85.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between form and meaning*. Amsterdam: Benjamins, 1985.

CANNON, Garland. *Historical Change and English Word-Formation. Recent Vocabulary*. New York: Lang, 1987.

COLERIDGE, Hebert. On diminutives in ‘LET’, *Transactions of the Philological Society*, 1857, p. 93-115.

ESPÍRITO-SANTO, S. P. A gradação em português: uma perspectiva funcionalista para abordagem/aprendizagem do sufixo *-inho*. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA IV (2013). *Ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva sistêmico-funcional*. SIMPÓSIO 17, Goiânia, UFG.

GONÇALVES, C. A. V. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S.R. & BRANDÃO, S. F. *Ensino de Gramático: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 147-168.

GRANDI, Nicola. Renewal and Innovation in the Emergence of Indo-European Evaluative Morphology. In: KÖRTVÉLYESSY, L.; STEKAUER, P. (eds.). *Diminutives and Augmentatives in the Languages of the World. Lexis: e-journal in English lexicology*, vol. 6, março de 2011.

GREENBERG Joseph H. The Diachronic Typological Approach. In: SHIBATANI Masayoshi & BYNON Theodora (eds.), *Approaches to Language Typology*, Oxford, Clarendon Press, 1995: 145-166.

LEE, Seung-Hwa. Sobre a Formação de Diminutivo do Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 8, n.1, p. 113-123, 1999.

LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. Updated Edition.

Disponível em: <<http://www.ldoceonline.com/>>. Acessado em: 21 de maio de 2014.

MENUZZI, Sergio de Moura. *On The Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Unpublished. HIL/University of Leiden, 1993.

OXFORD DICTIONARIES – Language matters.

Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/>>. Acessado em 21 de maio de 2014.

PIZA, M. T. *Gênero, número e grau no continuum Flexão/Derivação em português*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. *Formação de nomes aumentativos: um estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

SANTOS, A. P. O estudo do sufixo -ão: valores semânticos e proposta genealógica. In: MARÇALO, M. J.; LIMA-HERNANDES, M. C. et alli. (Org.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora, 2010, v. 1, p. 1-21.

SCHNEIDER, Klaus P. *Diminutives in English*. Tübingen : Niemeyer, 2003.

SCHNEIDER, Klaus P.; STRUBEL-BURGDORF, Susanne. Diminutive *-let* in English. *SKASE Journal of Theoretical Linguistics*, 2011, vol.9:1, 2011.

STUMP, G. T. How peculiar is evaluative morphology?. *Journal of Linguistics*, 29(1), 1993, p. 1-36.

STUMP, G.T. Inflection. In: A. Spencer & A. M. Zwicky (Eds.), *The Handbook of Morphology*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2001, p. 13-43.

TURNER, George William. *Stylistics*. Penguin, 1973.

WIERZBICKA, Anna. *Lexicography and conceptual analysis*. Ann Arbor: Karoma, 1985.